

T637
F373a
2000

Iram da Silva Ferrão

**A PRODUÇÃO DE LEITE E O PROFISSIONAL VETERINÁRIO NA PERCEPÇÃO DE
PRODUTORES DE LEITE DE PEDRO LEOPOLDO – MG, 1999**

Dissertação apresentada à Escola de Veterinária da
Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em Medicina
Veterinária.

Área de concentração: Epidemiologia.

Orientador: Prof. Paulo Roberto de Oliveira

Belo Horizonte
Escola de Veterinária – UFMG
2000

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA

05/12/00


2174400-09

0301-32660

- F373a Ferrão, Iram da Silva. 1969-
2000 A produção de leite e o profissional veterinário na percepção de produtores de leite de Pedro Leopoldo - MG, 1999. / Iram da Silva Ferrão. - Belo Horizonte: Escola de Veterinária, 2000. 42p. : il.
- Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Veterinária.
1. Pesquisa qualitativa em Medicina Veterinária - Teses. 2. Percepção - Teses. 3. Entrevista - Teses. 4. Produção de leite - Teses. 5. Veterinário - Teses. I. Título.
- CDD - 636.089 44

Dissertação defendida e aprovada em 28/04/2000 pela Comissão Examinadora constituída por:






Prof. Paulo Roberto de Oliveira
Orientador




Prof. Romário Cerqueira Leite



Prof. Celina Maria Modena



Prof. José Ailton da Silva



Prof. Maria de Lourdes Rocha de Lima

À Sibelli, presente em todos momentos, com amor, carinho e compreensão.

Aos produtores que a mim confiaram as suas falas, contribuindo para uma melhor compreensão das suas relações com a produção animal.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Paulo Roberto de Oliveira pela orientação, confiança e compreensão a mim dispensadas.

Ao Prof. Romário Cerqueira Leite pela oportunidade e confiança no meu potencial em desenvolver este trabalho.

À Prof. Celina Maria Modena, pelo estímulo, críticas, sugestões e sobretudo pela confiança demonstrada desde a idealização desta pesquisa.

À Prof. Maria de Lourdes Rocha de Lima pela atenção, presteza, dedicação e principalmente pela sua participação decisiva na fase de conclusão do trabalho.

Ao Prof. Éder Silva pela amizade e incentivo de sempre.

A Prof. Samantha de Oliveira Nery por ter aberto as portas da Psicologia Social.

À Isabel por ter compartilhado todos os momentos deste trabalho com amizade e solidariedade.

Aos colegas de profissão, Ronaldo Caldeira e Edson Lasmair pela valiosa contribuição.

Aos colegas da pós-graduação: Frei, Rejane, Hudson, Carol, Fernanda, Cleiton, Josiane, Jorge Ubirajara, Géder, Eve, Luis Ristow, Lenice, Sônia, Ana Paula, Marcos Rostagno, Virginia, Paula Ariane e Hélio pelo convívio saudável e fraterno durante estes anos.

À Cooperativa Agropecuária de Pedro Leopoldo que possibilitou a realização deste trabalho.

A Capes e à Fapemig pelo suporte financeiro durante o curso.

Aos meus familiares pelo apoio e incentivo dispensados em todos os momentos.

Enfim, a todos que, de alguma forma, colaboraram para a realização deste trabalho desde sua concepção até a sua conclusão.

*"A pesquisa, é, ao mesmo tempo, trabalho e reflexão para que os
homens achem todos um pouco de pão e mais liberdade".*

Gérard-B. Martin

SUMÁRIO

	RESUMO	11
	ABSTRACT	11
1	INTRODUÇÃO	13
2	LITERATURA CONSULTADA	14
2.1	ASPECTOS DA PRODUÇÃO DE LEITE NO BRASIL	14
2.2	MEDICINA VETERINÁRIA E DESENVOLVIMENTO	15
2.3	A PESQUISA QUALITATIVA EM EPIDEMIOLOGIA E MEDICINA VETERINÁRIA.....	17
3	MATERIAL E MÉTODOS	17
3.1	MUNICÍPIO DE PEDRO LEOPOLDO	17
3.2	POPULAÇÃO ESTUDADA	18
3.3	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	18
3.4	COLETA DE DADOS	19
3.4.1	Elaboração do roteiro de entrevistas	20
3.4.2	Pré-teste do roteiro de entrevistas	20
3.4.3	Realização das entrevistas	20
3.5	TRATAMENTO DOS DADOS	20

4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
4.1	PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DOS PRODUTORES DA COOPERATIVA AGROPECUÁRIA DE PEDRO LEOPOLDO.....	21
4.2	INDICADORES DE PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE NAS PROPRIEDADES VISITADAS	25
4.3	PRODUÇÃO DE LEITE: PREÇO, COMERCIALIZAÇÃO E COOPERATIVISMO	31
5	PERSPECTIVAS E REFLEXÕES	37
6	CONCLUSÕES	38
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
8	ANEXO	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Resumo das principais características dos produtores entrevistados em Pedro Leopoldo – MG, 1999.....	21
Tabela 2	Idade dos produtores entrevistados em Pedro Leopoldo – MG, 1999.....	22
Tabela 3	Período de tempo em que os entrevistados exploram a atividade leiteira, Pedro Leopoldo – MG, 1999.....	22
Tabela 4	Grau de instrução dos entrevistados, Pedro Leopoldo – MG, 1999.....	23
Tabela 5	Local de residência dos entrevistados, Pedro Leopoldo – MG, 1999.....	23
Tabela 6	A atividade leiteira como fonte de renda dos entrevistados, Pedro Leopoldo – MG, 1999.....	23

Tabela 7	Área total das propriedades visitadas, Pedro Leopoldo – MG, 1999.	25
Tabela 8	Área destinada ao gado de leite nas propriedades visitadas, Pedro Leopoldo – MG, 1999.	26
Tabela 9	Produção total de leite por dia, nas propriedades visitadas, Pedro Leopoldo – MG, 1999.	26
Tabela 10	Produção média de leite/vaca/dia, nas propriedades visitadas, Pedro Leopoldo – MG, 1999.	28
Tabela 11	Produção média de leite/vaca/dia por estrato de produção, Pedro Leopoldo – MG, 1999.	28
Tabela 12	Grau de sangue do gado criado nas propriedades visitadas, Pedro Leopoldo – MG, 1999.	29
Tabela 13	Métodos de reprodução utilizados nas propriedades visitadas, Pedro Leopoldo – MG, 1999.	29
Tabela 14	Número de ordenhas diárias nas propriedades visitadas, Pedro Leopoldo – MG, 1999.	29
Tabela 15	Tipos de ordenha utilizadas nas propriedades visitadas, Pedro Leopoldo – MG, 1999.	29
Tabela 16	Tipos de mão-de-obra utilizadas nas propriedades visitadas, Pedro Leopoldo – MG, 1999.	30
Tabela 17	Tipos de mão-de-obra utilizadas por estrato de produção, Pedro Leopoldo – MG, 1999.	30
Tabela 18	Tipos de assistência veterinária nas propriedades visitadas, Pedro Leopoldo – MG, 1999.	34

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Localização do município de Pedro Leopoldo em Minas Gerais.	18
Figura 2	Localização das propriedades visitadas por região no município de Pedro Leopoldo - MG, 1999.	19
Figura 3	Distribuição dos produtores, segundo o volume de produção, Pedro Leopoldo – MG, 1999.	26
Figura 4	Vacinas utilizadas nas propriedades visitadas, Pedro Leopoldo – MG, 1999.	31
Figura 5	Frequência de propriedades visitadas com tanque de expansão, Pedro Leopoldo – MG, 1999.	31

RESUMO

Em estudo epidemiológico com ênfase na pesquisa qualitativa, foram realizadas 32 entrevistas com produtores de leite do município de Pedro Leopoldo – MG filiados à Cooperativa Agropecuária deste município. Buscou-se traçar o perfil sócio-econômico e a percepção que estes produtores apresentam em relação aos aspectos que envolvem o processo de produção de leite e a participação do veterinário nesse contexto. A amostragem dos produtores se deu de forma aleatória e foi dividida em três categorias: pequenos (53,12%), médios (28,13%) e grandes produtores (18,75%). Estes últimos são responsáveis por 67,17% do volume de leite produzido, enquanto que os pequenos produtores (53,12%) produzem 9,08% do volume de leite, demonstrando a grande desigualdade na composição da cadeia produtiva deste setor. Segundo 78% dos produtores entrevistados, o preço do leite é o principal problema da atividade leiteira. Em relação ao veterinário, este é percebido de forma diferenciada pelos produtores, conforme suas condições produtivas. Pequenos produtores percebem este profissional como um intervencionista pontual, enquanto que a maioria dos grandes produtores acreditam numa ação mais efetiva do veterinário no processo produtivo. Tal diferença evidencia uma inadequação dos serviços veterinários à pequena produção. Espera-se com este trabalho subsidiar futuras pesquisas para se identificar perspectivas para o incremento da produção de leite, bem como suscitar reflexões sobre a atuação e a formação do profissional veterinário comprometido com o desenvolvimento rural.

Palavras-chave: Epidemiologia, percepção, entrevista, produção de leite, veterinário.

ABSTRACT

This epidemiologic study emphasizes qualitative survey. There were done 32 interviews with dairy farmers, in Pedro Leopoldo - Minas Gerais state, affiliated to Cooperativa Agropecuária de Pedro Leopoldo. It was characterized the social-economical profile and the farmers perception have about dairy production and veterinary services. Sampling was taken randomly and divided in to three production categories: small farmers (53.12%), medium farmers (28.13%) and big farmers (18.75%). These last ones are responsible for 67.17% of milk production, otherwise small production farmers produce only 9.08% of the milk. This shows a great difference in the dairy production chain. According to the farmers, the milk price is the main problem in dairy business. Small production farmers think veterinary services are only clinical intervention, while big production farmers believe in an action directed to the management of the productive process. This shows that veterinary services are not suitable to the needs of small producers. This study intends to stimulate further researches to identify new perspectives to increase dairy production, as well as to arouse reflections about service and professional education of veterinarians compromised with rural development.

Key words: Epidemiology, perception, interview, dairy production, veterinarian.

I INTRODUÇÃO

As profundas e rápidas mudanças nos âmbitos econômico, social e político que vêm ocorrendo no mundo contemporâneo, têm imposto a todas as nações inúmeros desafios, para que estas possam incrementar e viabilizar o seu desenvolvimento.

Inserido neste macrocenário, o Brasil se apresenta como um país de grande potencial agropecuário, que para consolidar o seu desenvolvimento, necessita promover uma modernização e tecnificação deste setor, tornando-o mais produtivo, eficiente, rentável e competitivo.

Dentre as cadeias produtivas que compõem o setor agropecuário, a pecuária leiteira tem sido a mais sensível a estas transformações. O longo período de tabelamento do preço do leite por parte do governo e a recente abertura do mercado contribuíram para um crescimento polarizado e bastante desuniforme deste segmento. Para Carvalho (1997), apesar de um crescimento quantitativo nos últimos anos, a produção de leite brasileira ainda se caracteriza por baixos índices de produtividade, além de um expressivo número de produtores com poucas condições de tecnificarem a sua produção e especializarem seus rebanhos.

Um dos grandes desafios para todos os segmentos da sociedade envolvidos com o setor leiteiro passa a ser a busca de soluções para um desenvolvimento mais uniforme da cadeia produtiva. Medidas eficazes devem ser tomadas para a inserção dos pequenos produtores de forma competitiva no mercado. Tais medidas devem ser sobretudo descentralizadas, respeitando as características regionais que se apresentam no Brasil. Para tanto, é necessário um diagnóstico dos principais componentes que interferem na produção de leite, tendo como pano de fundo o ambiente que a circunda e a participação dos atores sociais envolvidos.

Assim, estamos diante de um novo desafio: como conduzir uma modernização da pecuária leiteira de forma equitativa, onde todos aqueles que

estão envolvidos no processo produtivo possam ter acesso a reais oportunidades de melhorarem a sua produção, em busca de um desenvolvimento sustentável com a eficiência que exigem os tempos atuais?

Face a todas estas reflexões, a Medicina Veterinária torna-se cada vez mais comprometida com o desenvolvimento nacional, inserindo-se de maneira definitiva no círculo de discussões e decisões de nossa sociedade. Tal compromisso não deve se restringir aos expressivos avanços científicos e tecnológicos que esta ciência vem disponibilizando aos setores produtivos. É preciso que o profissional veterinário consiga compatibilizar sua bagagem acadêmica e seus referenciais metodológicos às necessidades de se construir um novo padrão de desenvolvimento rural: socialmente justo, eficiente e sustentável.

Para Souza (1998), a leitura da realidade sempre foi e sempre será a base para o encaminhamento do processo de desenvolvimento. Para cada local, para cada tempo, para cada indivíduo ou comunidade, enfim, para cada situação haverá uma solução específica com base na realidade. Vários aspectos deverão ser observados, tais como: econômicos, sociais, geográficos, políticos, culturais, humanos, tecnológicos, religiosos, dentre outros.

Os diferentes significados sociais e econômicos dados às doenças animais, estas consideradas como resultantes das formas concretas de produção, têm origem nos valores culturais e outras características antropológicas dos grupos humanos ligados à pecuária (Tamayo Silva, 1981).

A partir do momento em que a pesquisa centra-se em um problema específico, é que o pesquisador escolherá o procedimento mais apto, segundo ele, para chegar à compreensão visada. Poderá ser um procedimento quantitativo, qualitativo, ou uma mistura de ambos. O essencial permanecerá: que a escolha da abordagem esteja a serviço do objeto de pesquisa e não o contrário, com o objetivo de daí tirar, da melhor forma possível, os saberes desejados (Laville & Dionne, 1999).

Nesta perspectiva, o presente estudo buscou retratar a realidade de produtores rurais que se dedicam à pecuária leiteira, setor em que as diferenças de produtividade e lucratividade têm se apresentando de forma acentuada, gerando graves crises sociais no meio rural e por conseguinte no meio urbano.

Diante disto, foram propostos os seguintes objetivos:

- ▶ Traçar o perfil do produtor de leite filiado à Cooperativa Agropecuária de Pedro Leopoldo - MG;
- ▶ Conhecer a percepção dos produtores de leite de Pedro Leopoldo - MG sobre a produção de leite e os serviços veterinários.

Algumas considerações sobre a produção de leite no Brasil e as formas de atuação do profissional Veterinário são abordadas no tópico 2 deste estudo, juntamente com alguns referenciais da pesquisa qualitativa em Medicina Veterinária, metodologia esta que norteou a presente pesquisa sobre a percepção dos produtores de leite de Pedro Leopoldo.

A questão metodológica consta no tópico 3, de forma detalhada, para a orientação do leitor sobre o desenvolvimento deste estudo.

O tópico 4, intitulado Resultados e Discussão, apresenta de forma conjugada dados quantitativos e qualitativos, buscando a complementariedade destes resultados, enfatizando a fala do sujeito na interpretação de seu contexto.

Em Perspectivas e reflexões (tópico 5), espera-se diante dos resultados deste trabalho, proporcionar bases para discussões quanto à atuação e a formação do Veterinário, seu papel social, bem como uma melhor adequação de seus serviços à realidade rural.

A Conclusão é apresentada no tópico 6, resumando a percepção dos produtores de leite sobre a sua atividade e os serviços veterinários.

2 LITERATURA CONSULTADA

2.1 – Aspectos da produção de leite no Brasil

No período colonial a pecuária já era considerada uma das atividades econômicas mais tradicionais do Brasil. Neste período, o bovino era garantia de transporte de carga, além de fonte de proteína viva para a população.

A partir de 1945 tem-se o princípio de formação da cadeia produtiva quando, por determinação do Estado, o leite somente poderia ser consumido no Brasil após passar por tratamento industrial que assegurasse ao consumidor a isenção de impurezas e de organismos patogênicos (Martins, 2000).

A política de alimento barato, adotada no Brasil principalmente no pós-guerra, encontrou no leite um de seus principais mecanismos de sustentação. Esse fato, segundo Martins & Castro (1986), contribuiu para que toda a cadeia fosse regulamentada pelo Governo, que estabelecia política de preços para cada segmento e, de maneira heterodoxa, utilizava-se do produto para o combate à inflação.

Após 1991, iniciou-se o período de maiores transformações na pecuária leiteira brasileira. O Estado passou a não mais estabelecer o preço do produto junto aos segmentos que compõem a cadeia de leite. A globalização da economia levou a uma maior abertura do mercado internacional. Além disso, o país vem passando por um processo de estabilização da economia com queda acentuada da inflação.

Esse longo período de tabelamento de quase meio século criou uma certa acomodação por parte dos produtores, que se acostumaram com o fato de não decidirem questões referentes ao setor, contribuindo ainda para um retardamento da modernização da pecuária leiteira nacional (Carvalho, 1997).

Segundo Gomes (1998), embora o preço do leite recebido pelo produtor tenha caído muito após a implantação do Plano Real, a produção brasileira obteve um aumento expressivo, atingindo a taxa

de 30% no período de 1994 a 1997. A explicação para esta contradição são os fortes ajustamentos que estão em curso na produção de leite. Tais ajustamentos têm conduzido ainda a um aumento de produtividade do rebanho brasileiro, além de uma modificação da distribuição espacial dos pólos de produção. Em estudo realizado por SEBRAE/FAEMG (1996) e Bortoleto et al. (1997), estes demonstraram que a produção de leite brasileira está caminhando para o cerrado, dado o crescimento significativo da produção e especialmente da produtividade na região do Triângulo Mineiro e no Estado de Goiás, em razão do grande potencial agrícola destas regiões buscando o baixo custo da produção de leite.

Todas estas transformações e ajustes tornaram-se necessários para uma reorganização da cadeia produtiva do leite, aumentando a concorrência entre os elos da cadeia. As exigências de maior produtividade e melhoria da qualidade, de modo a tornar o produto brasileiro competitivo no mercado internacional são questões de ordem. Com isso, o produtor brasileiro tem que estar atento ao comportamento da produção mundial, pois esta o afetará diretamente.

Toda essa turbulência, conforme Resende & Júnior (1999), tornou os pequenos produtores o primeiro alvo na busca da otimização dos processos produtivos, iniciando-se uma seleção dos mesmos com o pagamento por qualidade e volume recebido, além de uma otimização da logística na coleta de leite, substituindo os latões pela coleta de leite a granel.

Num ambiente econômico de abertura de mercado para o comércio internacional, aumenta muito a velocidade de adaptação a este mercado. Gomes (1998) afirma que no setor leiteiro, grande parte dos produtores brasileiros, por falta de capital financeiro e humano, não conseguem adaptar seu sistema de produção às exigências de mercado. Esta realidade não pode ser desprezada, pois problemas sociais decorrentes deste processo podem ser muito graves.

Estes pequenos produtores, caracterizados por produzir até 100 litros por dia, representam cerca de 50% dos 1,2 milhão de produtores de leite brasileiros, dos quais 280 mil estão em Minas

Gerais, segundo dados do SEBRAE/FAEMG (1996). Além disso, eles têm baixa representatividade no volume total de leite produzido anualmente. Tal quadro vem se agravando ano a ano com a ampliação da diferença entre o pequeno e o grande produtor, em termos de produtividade e rentabilidade.

A importância da produção de leite brasileira se justifica pelo volume produzido, cerca de 20,4 bilhões de litros em 1997 (Bastos, 1998), o que torna esta atividade essencial para o desenvolvimento nacional e fundamental para a segurança alimentar do país. Outro aspecto relevante, segundo Bernardes et al. (1999), é que a alta regularidade do emprego e a elevada relação trabalho/capital também qualificam a pecuária leiteira como atividade estratégica para qualquer política social de promoção de empregos.

2.2 – Medicina Veterinária e desenvolvimento

A Medicina Veterinária tem desempenhado um importante papel no desenvolvimento do país. A geração de tecnologias para o setor agropecuário, em especial a produção animal, tem contribuído de forma decisiva para a modernização deste setor. Porém, as mudanças conjunturais da sociedade brasileira associada à internacionalização da economia, passam a requerer novos posicionamentos e atitudes dos profissionais das ciências agrárias.

Rosemberg & Olascoaga (1991) salientaram a importância de uma reflexão sistemática sobre a profissão veterinária, principalmente no que diz respeito à expectativa da sociedade sobre essa atividade. Os autores citaram ainda a existência de uma crescente consciência de que o exercício veterinário sofreu um profundo "déficit" histórico relacionado com a revisão teórica e prática de outras profissões, e que a necessidade de mudar o perfil da profissão era um motivo de preocupação mundial, necessidade esta que já havia sido discutida em várias reuniões realizadas nos últimos anos na Europa, Estados Unidos, Austrália e América Latina.

Em todas as ações reflexivas a que se tem proposto os veterinários sobre a sua atividade, é

comum as seguintes indagações: que perfil deve ter o veterinário, necessário ao desenvolvimento nacional? A que realidades e expectativas ele deve responder? Que habilidades ele deve desenvolver para um desempenho competente? Que motivação, compromissos e atitudes ele deve internalizar? (FAO, 1993).

“Os Médicos Veterinários estão convocados a refletirem sobre o significado das mudanças na ordem mundial em que, a globalização e a regionalização se interpenetram, onde se observa a crescente integração de macroestruturas políticas, e a segmentação em subunidades regionais num ritmo vertiginoso de progresso, impondo a responsabilidade de estabelecer planejamentos estratégicos, buscando identificar cenários do porvir nos diferentes aspectos da vida dos povos, emergindo, no particular, pela sua relevância e contribuição ao avanço científico e tecnológico, a ênfase ao setor educacional” (CFMV, 1996).

“O aprimoramento constante no ensino da Medicina Veterinária apresenta-se como exigência prioritária na preparação objetiva e realista dos profissionais, elementos fundamentais à modernização e inovação do setor agropecuário” (Seminário..., 1987).

Espera-se uma nova conduta do profissional veterinário diante das demandas que emanam da nossa sociedade. Ao seu patrimônio tecnológico deve ser incorporado um maior compromisso com o desenvolvimento nacional, colocando a sua ciência e a sua prática profissional seja na produção de alimentos ou na saúde animal e pública a serviço da melhoria de qualidade de vida do homem, buscando reduzir os desníveis sociais, sobretudo no meio rural (CFMV, 1996).

Souza (1998) afirma que o produtor rural brasileiro é caracterizado, na sua maioria, como de baixa renda e uma simples transferência de tecnologia “modernizadora” da produção não é suficiente para reverter tal situação. Para avançar em seus compromissos sociais, as ciências agrárias devem rever seus paradigmas. É necessário transcender ao tecnicismo, baseando suas ações nos princípios filosóficos da realidade, educação e participação. Desta forma,

seus profissionais poderão estar exercendo efetivamente o papel de AGENTE DE MUDANÇA.

Para Pereira (1998) os profissionais ligados ao setor agropecuário devem fazer uma reflexão e uma redefinição de sua prática, passando a olhar os produtores dentro de seu contexto como sujeitos que têm motivações e sentimentos que precisam ser considerados. Com isso, a formação destes profissionais devem ultrapassar o limite da informação técnica, buscando também uma formação humanística.

Segundo Camargo (1997), os veterinários saem das universidades apenas com uma visão ampla, porém pouco dedicada às relações humanas. Vivemos em momento de mudanças. Faz-se necessário modificar a visão do veterinário sobre seus clientes e ao mesmo tempo modificar a visão de nossos clientes sobre o veterinário.

Viana (1995) considera a atuação do veterinário tradicional, produto de uma formação eminentemente clínica, onde o processo saúde-doença é tratado de forma universal, dissociado das modalidades de organização dos produtores, de sua cultura, das formas de produzir e comercializar seus bens. O autor conclui que agindo de forma pontual e descontextualizada, os veterinários estarão privilegiando as elites do país, agravando ainda mais o desequilíbrio em que estamos mergulhados.

A eficiência e a produtividade de uma atividade em produção animal, segundo Barcellos (1997), estão cada vez mais dependentes da capacitação gerencial do veterinário do que simplesmente de uma tecnologia recomendada.

A pecuária leiteira vem passando nos últimos anos por mudanças em busca de eficiência e competitividade. De acordo com Santos (1995), nessa busca o produtor pouco avançará se não contar com uma orientação segura e competente, num sistema de acompanhamento na adequação e adoção de tecnologias compatíveis aos sistemas de produção. Nesse contexto, o profissional passa a ser um motivador e um ajuste de mudança de conceitos dos pecuaristas em relação à atividade leiteira.

2.3 – A pesquisa qualitativa em Epidemiologia e Medicina Veterinária

Para Astudillo et al. (1991) saúde e produção animal não podem se separar do social, visto que são resultantes da ação do transformadora dos homens. Trazem uma carga histórica, cultural, política e ideológica que não podem estar contida apenas em dados estatísticos. Nesse aspecto, a pesquisa qualitativa pode ser muito útil, pois segundo Minayo (1996) esta responde a questões muito particulares, preocupando-se com uma realidade não quantificável, trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à análise de variáveis.

Como qualquer outro problema social e econômico, os problemas agropecuários são antes de tudo antrópicos, ou seja, os homens e a sua posição nas atividades de produção constituem os aspectos essenciais que devem ser considerados na análise destes problemas (Prado, 1979).

Desta forma, torna-se inevitável uma aproximação da Medicina Veterinária aos componentes econômicos e antropológicos, em cujo âmbito se desenvolvem os problemas sociais, para uma melhor compreensão das diversas formas de produção animal.

Sendo assim, a Epidemiologia que em sua postura teórico-metodológica vem discutindo a complementariedade entre as abordagens quantitativa e qualitativa (Minayo, 1994) apresenta-se como o caminho natural para a interação da Medicina Veterinária e a pesquisa qualitativa, buscando perceber os processos de saúde/produção animal a partir de novos prismas.

Pereira (1998), em pesquisa realizada com estrato de produtores familiares, utilizou metodologias qualitativas para a análise das representações sociais destes produtores sobre o processo saúde/doença em produção animal e a sua relação com o pensamento científico.

Para caracterizar a percepção dos produtores de leite de Divinópolis – MG, sobre a importância do carrapato *Boophilus microplus* e suas formas de combate, Rocha (1995) utilizou o inquérito de opinião como alternativa metodológica.

Ainda utilizando metodologias qualitativas, Moreira (1988) e Prado (1991), buscaram apreender a realidade sanitária e a estrutura de produção pecuária, em pesquisas realizadas em regiões distintas do estado de Minas Gerais. No estudo de Prado (1991), este relata que procurou reconhecer em cada um dos produtores entrevistados, uma entidade dotada de idéias, vontade, sentimentos e de uma lógica própria nas suas relações com o meio.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia empregada no presente estudo será apresentada em cinco partes: a primeira parte trata da delimitação e caracterização do município estudado, a segunda sobre a população estudada, a terceira sobre a caracterização da amostra, a quarta sobre a coleta dos dados e a quinta do tratamento destes dados.

3.1 – Município de Pedro Leopoldo

Localizado na região metropolitana de Belo Horizonte – MG, o município de Pedro Leopoldo (figura 1) apresenta uma área de 305 Km², situado a 19° 37' 00" Lat. S e 44° 02' 45" Lat. N e a uma altitude de 698 m acima do nível do mar, em região de clima tropical. Sua área é dividida em três setores: Fidalgo (divisa com Lagoa Santa e Matozinhos), Região do Córrego do Urubu (divisa com Matozinhos e Esmeraldas) e Região de Vera Cruz de Minas (entre Ribeirão das Neves e Vespasiano) (Prefeitura Municipal1994).

Fundado em 1924, o município de Pedro Leopoldo conta hoje com uma população de 47.342 habitantes, tendo a sua base econômica voltada para a indústria e agropecuária, além do potencial turístico, dado ao grande número de grutas, cachoeiras e balneários (Aqui, 1999).

Pedro Leopoldo apresenta 60,6% de seus estabelecimentos rurais ligados à pecuária, estando inseridas na Superintendência de Saúde Animal 218 propriedades, sendo cerca de 80% destes estabelecimentos voltados para a produção leiteira, com um efetivo bovino em torno de 14.805 cabeças¹. O município conta com a assistência de cerca de 23 veterinários, ligados a órgãos públicos, privados e de forma autônoma. Os órgãos, entidades e empresas ligados ao setor agropecuário estão representados por: Laboratório de Referência Animal (LARA), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Sindicato Rural de Pedro Leopoldo, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Laticínios Dona Vaca e Cooperativa Agropecuária de Pedro Leopoldo.

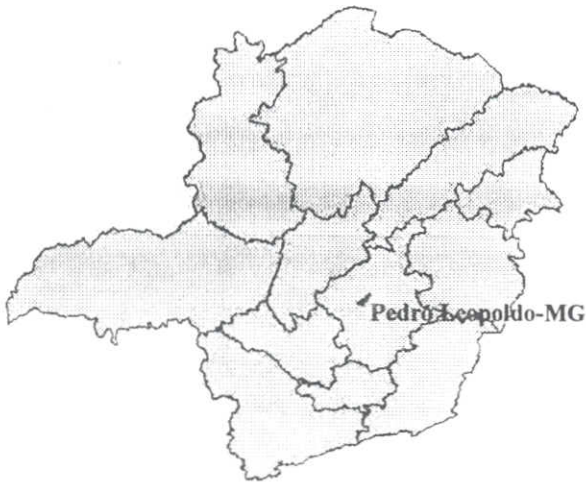


Figura 1 – Localização do município de Pedro Leopoldo em Minas Gerais.

3.2 – População estudada

A população tomada como referência para este trabalho é representada pelos produtores de leite do município de Pedro Leopoldo, filiados à Cooperativa Agropecuária de Pedro Leopoldo – CAPEPE.

A CAPEPE, que teve sua fundação em 1947, abrange hoje 17 municípios além de Pedro Leopoldo, onde conta com 73 cooperados. Apenas 20% do leite captado é industrializado e vendido no município, sendo os outros 80% enviados à Cooperativa Central dos Produtores de Leite – Itambé (Aqui, 1999).

Além de comercializar a produção de seus cooperados, a CAPEPE oferece aos mesmos serviços de venda de insumos, linhas de crédito e convênio com veterinários autônomos que prestam assistência técnica aos cooperados, descontando o valor dos serviços no pagamento do leite.

3.3 – Caracterização da amostra

A amostra estudada foi constituída de 32 produtores (figura 2) escolhidos pela técnica de amostragem aleatória simples, segundo Laville & Dionne (1999), de uma listagem de todos os produtores de leite do município de Pedro Leopoldo filiados à CAPEPE.

¹IMA, 1999. Comunicação pessoal. (Escritório Local de Pedro Leopoldo – MG).

entrevistas, pré-teste e a realização propriamente dita.

3.4.1 – Elaboração do roteiro de entrevistas

Conforme Rocha (1995), o primeiro passo para a construção dos roteiros de entrevista trata-se da escolha das informações a serem procuradas. Sendo assim, buscou-se enumerar todas as informações desejadas e os possíveis indicadores que as explicitassem.

Em seguida, de posse das informações a serem buscadas, passou-se então a decisão sobre que tipo de entrevista deveria ser aplicada. Dada a necessidade de se utilizar questões abertas, optou-se pela entrevista parcialmente estruturada, onde os temas são particularizados e as questões abertas preparadas antecipadamente (Laville & Dionne, 1999).

O roteiro foi então elaborado com a preocupação de trazer em seu conteúdo perguntas redigidas em linguagem acessível ao produtor rural e ainda, em uma forma seqüencial dos tópicos, organizando as perguntas de forma a tornar o ato da entrevista um momento agradável para entrevistador e entrevistado.

3.4.2 – Pré-teste do roteiro de entrevistas

Após ser redigido, o roteiro foi validado por cinco pré-testes, objetivando a detecção de possíveis falhas existentes em sua elaboração, tais como: inconsistência, complexidade das perguntas, questões em ordem inadequada, além do acréscimo de algumas perguntas e itens que pudessem auxiliar o entrevistador no registro das informações.

O local escolhido para este estudo foi o município de Betim, também localizado na região metropolitana de Belo Horizonte, onde foram entrevistados cinco produtores de leite. Buscou-se nesse momento a familiarização com a técnica de entrevista, e a avaliação do tempo gasto para a realização da mesma.

Com base nos pré-testes realizados, foram feitos então os ajustes necessários para uma melhor adequação do roteiro de entrevistas ao trabalho proposto, tornando-o definitivo, conforme anexo.

3.4.3 – Realização das entrevistas

Uma vez definidos os produtores a serem entrevistados e o roteiro de entrevistas a ser utilizado, procedeu-se então a realização das entrevistas propriamente ditas.

A estratégia definida em conjunto com a CAPEPE se concentrou em agendar as entrevistas com os produtores sorteados. Primeiramente estes produtores receberam uma carta da CAPEPE informando sobre a visita de pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG para uma conversa sobre a produção de leite. Em seguida, cada produtor foi contactado por telefone ou pessoalmente para que se marcasse data e horário em que o mesmo se dispunha para a visita na propriedade.

Nas propriedades os trabalhos tinham início com a apresentação pessoal, explicando sobre os objetivos do estudo, o vínculo com a UFMG, bem como a confidencialidade dos dados fornecidos. Em seguida, as entrevistas foram conduzidas da maneira menos formal possível, buscando assim uma maior disposição e desinibição do informante no fornecimento dos dados. Os roteiros eram preenchidos no ato da entrevista, e as falas do entrevistado anotadas em anexo. Terminada a entrevista, seguia-se à observação das instalações e dos animais e posteriormente, o agradecimento ao produtor pela colaboração no trabalho. Esta fase de realização das entrevistas ocorreu no período de maio a julho de 1999.

3.5 – Tratamento dos dados

Como arquivo dos dados obtidos junto aos produtores, foi montado um banco de dados no programa EPIINFO 6.0 (Dean et al., 1995), o qual foi utilizado para a montagem de um banco de dados, que caracterizaram o grupo de produtores entrevistados, bem como suas propriedades.

Além disso, o material a ser analisado, composto pelas falas dos produtores entrevistados, foi organizado em recorte temático do conteúdo, para posterior definição das categorias de análise, além da construção e fundamentação dos significados, conforme adaptação feita por Pereira (1998) e Ribeiro (1999).

A investigação qualitativa é basicamente descritiva, tentando analisar os dados em toda a sua riqueza. Sua abordagem exige que o mundo seja examinado com a idéia de que nada é trivial, e que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo (Bodgan & Biklen, 1994).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 – Perfil sócio-econômico dos produtores de leite da Cooperativa Agropecuária de Pedro Leopoldo – MG

De acordo com a Tabela 1 podemos observar as principais características dos produtores entrevistados.

Tabela 1 – Resumo das principais características dos produtores entrevistados, Pedro Leopoldo –MG, 1999.

Produtor	Idade (anos)	Sexo	Grau de instrução	Tempo na atividade (anos)	Categoria por volume de produção de leite
P 01	34	M	1º G inc.	Mais de 20	Grande
P 02	66	M	1º G inc.	Mais de 20	Pequeno
P 03	78	M	1º G inc.	De 11 a 20	Pequeno
P 04	88	M	1º G inc.	Mais de 20	Médio
P 05	65	M	1º G inc.	Mais de 20	Pequeno
P 06	51	M	1º G comp.	De 05 a 10	Pequeno
P 07	54	M	1º G inc.	Mais de 20	Grande
P 08	60	M	2º G comp.	Mais de 20	Médio
P 09	66	M	1º G inc.	Mais de 20	Médio
P 10	48	M	1º G inc.	Mais de 20	Pequeno
P 11	71	M	1º G inc.	Mais de 20	Pequeno
P 12	49	F	Superior	Menos de 05	Médio
P 13	55	M	1º G inc.	De 11 a 20	Pequeno
P 14	66	M	1º G inc.	Mais de 20	Pequeno
P 15	62	M	1º G inc.	Mais de 20	Pequeno
P 16	69	M	1º G inc.	Mais de 20	Pequeno
P 17	65	M	Superior	De 05 a 10	Grande
P 18	55	M	1º G inc.	Mais de 20	Grande
P 19	55	M	2º G comp.	Mais de 20	Médio
P 20	56	M	Superior	Menos de 05	Médio
P 21	45	M	Superior	De 11 a 20	Grande
P 22	45	M	Superior	Mais de 20	Grande
P 23	71	M	1º G comp.	De 05 a 10	Médio
P 24	56	M	Superior	De 11 a 20	Médio
P 25	68	M	1º G inc.	Mais de 20	Pequeno
P 26	34	M	2º G comp.	Menos de 05	Médio
P 27	70	M	1º G inc.	De 11 a 20	Pequeno
P 28	51	M	1º G inc.	De 11 a 20	Pequeno
P 29	66	M	1º G inc.	Mais de 20	Pequeno
P 30	26	M	1º G inc.	De 05 a 10	Pequeno
P 31	42	M	2º G comp.	Mais de 20	Pequeno
P 32	49	M	2º G comp.	Mais de 20	Pequeno

A idade dos produtores entrevistados variou dos 26 aos 88 anos, sendo que a média de idade entre os mesmos é de 57,3 anos (Tabela 2).

Tabela 2 – Idade dos produtores entrevistados em Pedro Leopoldo - MG, 1999.

Faixa de idade	Frequência de entrevistados	%
Menos de 30 anos	1	3,13
De 30 a 39 anos	2	6,25
De 40 a 49 anos	6	18,75
De 50 a 60 anos	9	28,13
Acima de 60 anos	14	43,75
TOTAL	32	100,00

Provavelmente por esta distribuição etária é que a grande maioria dos entrevistados apresentaram ter experiência na atividade leiteira, pois já atuam nesta área há mais de vinte anos (56,25%) ou entre onze e vinte anos (18,75%). Além destes, 12,5% afirmaram estar na atividade há pouco mais de cinco anos e outros 12,5% estão trabalhando na produção de leite há menos de cinco anos (Tabela 3).

Tabela 3 – Período de tempo em que os entrevistados exploram a atividade leiteira, Pedro Leopoldo – MG, 1999.

Período de tempo	Frequência de entrevistados	%
Menos de cinco anos	4	12,5
De cinco a dez anos	4	12,5
De onze a vinte anos	6	18,75
Mais de vinte anos	18	56,25
TOTAL	32	100,00

A predominância de produtores na faixa etária acima dos cinquenta anos (71,88%), associada ao longo tempo destes produtores na atividade e aos depoimentos dos mesmos, em trechos abaixo

relacionados, apontam para uma baixa inclusão de novos produtores para pecuária de leite na região estudada.

"Vou manter o negócio como está. Se fosse ouvir o meu pessoal, já tinha vendido."

(Produtor 08)

"Os grandes fazendeiros morreram, os filhos herdaram e dividiram a terra, e não continuaram na atividade."

(Produtor 17)

"O pai faz, o filho come e o neto morre de fome."

(Produtor 17)

"Essa região tinha gente demais, hoje não tem, tá tudo amontoado na cidade."

(Produtor 23)

Indagados sobre a forma de ingresso na pecuária leiteira, 78 % dos produtores entrevistados afirmaram ter iniciado nesta atividade por tradição familiar. Porém, para as próximas gerações, estes mesmos produtores revelaram em maioria (60 %), não terem sucessores na família para prosseguir com a atividade. As justificativas mais frequentes citadas pelos mesmos foram: não têm filhos; aqueles que têm filhos, estes já estão em outra atividade, seja estudantil ou profissional; e ainda aqueles que acham que a atividade traz pouco retorno financeiro.

"Meu filho tem vontade de mexer com leite, mas eu vejo que não dá. Tento não deixar, a não ser que melhore."

(Produtor 15)

Desta forma, os produtores entrevistados sinalizam para a possibilidade de uma redução quantitativa de produtores de leite no município de Pedro Leopoldo para os próximos anos.

Em relação ao grau de instrução dos produtores entrevistados, 56,25% cursaram o 1º Grau de forma incompleta, 18,75% têm curso superior, 15,63% possuem o 2º Grau completo e 9,37% completaram o 1º Grau conforme Tabela 4.

Tabela 4 – Grau de instrução dos entrevistados, Pedro Leopoldo – MG, 1999.

Categorias de grau de instrução	Frequência de entrevistados	%
1º Grau incompleto	18	56,25
1º Grau completo	3	9,37
2º Grau	5	15,63
3º Grau	6	18,75
TOTAL	32	100,00

Esses resultados são próximos aos encontrados no perfil do produtor rural brasileiro traçado pela Associação Brasileira de Marketing Rural (1999), 55% destes possuíam 1º grau incompleto, demonstrando o baixo grau de escolaridade dos produtores rurais brasileiros. É importante ressaltar que a condição destes produtores refletida nestes resultados deve ser levada em conta no planejamento das ações de geração e difusão de tecnologias para o meio rural, para que estas sejam acessíveis aos produtores, podendo contribuir efetivamente ao desenvolvimento da agropecuária brasileira.

Quanto ao local de residência dos entrevistados, a grande maioria (62,5%) residem na propriedade, enquanto que os outros 37,5% moram na cidade (Tabela 5).

Tabela 5 – Local de residência dos entrevistados, Pedro Leopoldo – MG, 1999.

Local de residência	Frequência de entrevistados	%
Propriedade	20	62,5
Cidade	12	37,5
TOTAL	32	100,00

Estes dados demonstram uma predominância de produtores entrevistados residentes no campo, diferente do observado por SEBRAE/FAEMG (1996) em dados levantados no estado de Minas Gerais, onde apenas 37% dos produtores residem na propriedade. Um dos fatores que possivelmente explicam essa diferença é a proximidade das propriedades visitadas aos centros urbanos. Tal proximidade permite a estas propriedades uma infra-estrutura habitacional semelhante à urbana com energia elétrica (presente em 100% das propriedades visitadas), água da COPASA (34,37%), disponibilidade de meios de informação como TV e rádio (100%) e comunicação como telefone (68,75 %). Além de acesso facilitado pelas vias e meios de transporte disponíveis.

A importância da atividade leiteira como fonte de renda dos entrevistados foi revelada pelos mesmos, sendo que a maior parte destes (65,62%) têm a produção de leite como fonte de renda secundária, enquanto que para 18,75% esta atividade é a principal fonte de renda. Apenas 15,62% dos entrevistados têm o leite como a sua única fonte de renda (Tabela 6).

Tabela 6 – A atividade leiteira como fonte de renda dos entrevistados, Pedro Leopoldo – MG, 1999.

Categorias de fonte de renda	Frequência de entrevistados	%
Única	5	15,62
Principal	6	18,75
Secundária	21	65,62
Total	32	100,00

A pequena frequência de produtores que têm a atividade leiteira como fonte única e ou primária de renda, sugere a baixa rentabilidade econômica desta atividade. Os relatos dos produtores com relação a viabilidade e rentabilidade da produção de leite ilustram e reforçam os dados obtidos.

“Se o cara vive só de leite, passa fome, tem que ter outra atividade por fora.”
(Produtor 01)

"Quem vive do leite não dá nem pra comer, é muito trabalho que dá, não tem chuva, sol, doença..."
(Produtor 05)

"Se depender do leite passa fome... se tiver uma outra renda pra segurar a atividade até que dá, mas se vier aqui urrar igual a eu não tem jeito."
(Produtor 09)

"Leite só se for atividade secundária, pra viver disso não dá."
(Produtor 14)

A prioridade da atividade leiteira como fonte de renda, segundo estes produtores, está associada a rentabilidade da mesma. Como apenas cinco produtores (15,62%) faziam anotações sobre receita/despesas da atividade, podemos observar que esta rentabilidade é avaliada não pela real situação da produção leiteira na propriedade, esta é norteadada pelo momento atual da pecuária de leite no Brasil, que, segundo esses produtores, se caracteriza pelo baixo preço do leite pago ao produtor, pela relação desfavorável deste preço com fatores de produção, como mão-de-obra, alimentação e insumos para os animais, além da diferenciação no pagamento por volume de leite produzido, conforme depoimentos abaixo:

"O negócio hoje é tirar muito leite ... o que uma vaca boa come, uma ruim também come. Então não adianta ter vaca ruim."
(Produtor 21)

"Pra mim não é não. Eu tiro muito pouco leite. Pra quem tira muito dá, porque tem as sobras."
(Produtor 25)

"O leite não dá pra pagar a ração."
(Produtor 29)

"Não, só dá dinheiro pra quem tira muito leite. Pra mexer com isso, só se for tirar acima de 600 litros."
(Produtor 27)

"Não é não, hoje o custo é alto e o preço é baixo."
(Produtor 30)

"Quem tira mais de 1000 L/dia não para."
(Produtor 31)

"O leite não dá nem R\$ 0,02 de lucro no litro."
(Produtor 06)

"Bem esquematizado dá maior produtividade com menor gasto (mão-de-obra e outras coisas)."
(Produtor 32)

Para estes produtores, a exploração do leite só é viável economicamente em produção de larga escala, com maior produtividade e diminuição de custos para se compensar a pequena margem de lucro na venda do leite. Este ponto de vista é reforçado por Gomes (1996) que, em pesquisa realizada sobre tamanho da exploração e produtividade na pecuária de leite, conclui que a produção em escala é fator determinante na atratividade do negócio do leite, juntamente com a relação inversa entre produtividade e custo por litro de leite, confirmando a opinião dos produtores entrevistados.

Apesar de grande parte dos produtores entrevistados constatarem que a atividade leiteira não é das mais atrativas economicamente, sob forte dependência de fatores condicionantes para a sua viabilidade, a maioria destes produtores permanecem na atividade. Conforme a Tabela 7, setenta e cinco por cento dos mesmos estão na pecuária de leite há mais de 10 anos. Que razões podem explicar essa persistência? A esta indagação, algumas respostas foram apresentadas pelos produtores:

"Pra quem tira pouco igual a eu tá ruim, mas a gente gosta do negócio, né?"
(Produtor 27)

"Já acostumei, não sei fazer outra coisa."
(Produtor 09)

"É o trem mais ordinário que tem, não tem sossego. Não sei fazer outra coisa, e o pior é que não dá dinheiro."
(Produtor 05)

"Pouco ou muito eu tô vivendo."
(Produtor 10)

"É difícil, mas vai tocando pra vê como é que fica."
(Produtor 02)

"Leite hoje é mais por entusiasmo, continuo porque não sei fazer outra coisa. Já tenho mais idade."
(Produtor 11)

"Não tenho outra coisa para fazer, já estou acostumado com a atividade."
(Produtor 14)

"A produção é mais pra distração."
(Produtor 16)

"Tem que gostar, ser apaixonado. Se fizer as contas de tudo, não dá retorno do capital investido, mas a terra fala mais alto."
(Produtor 17)

"Continuo com a atividade pra não deixar parar."
(Produtor 31)

"A atividade faz bem pra mim."
(Produtor 24)

"Estamos indo de teimoso. A atividade está ruim pra todo mundo."
(Produtor 15)

"É pouco, mas é certo."
(Produtor 03)

"Não tenho outra coisa pra fazer, já estou acostumado com a atividade."
(Produtor 14)

Muitos fatores contribuem para um certo conformismo que se reflete na fala dos produtores entrevistados. Além dos anos dedicados à atividade, bem como a média de idade elevada entre os mesmos, existem ainda aqueles que justificam a sua permanência como produtor de leite por um sentimento enraizado que os tornam presos a este ofício. Sem dúvida, a esse gosto pelas coisas do campo não se enquadra a visão de rentabilidade da produção de leite, sendo atribuído ainda, a esta atividade, um efeito terapêutico e motivador para aqueles que a exercem.

4.2 - Indicadores de produção e produtividade das propriedades visitadas

O tamanho das propriedades visitadas variou entre 2 e 1020 hectares (ha), com média de 116,89 ha. As propriedades com até 50 ha correspondem a 46,87% das propriedades visitadas. Já 31,25% dos entrevistados detinham propriedades com mais de 100 ha e 21,87% tinham propriedades entre 51 e 100 ha, conforme a Tabela 7.

Tabela 7 - Área total das propriedades visitadas, Pedro Leopoldo - MG, 1999.

Categorias por área (ha)	Número de propriedades	Média (ha)	%
Menor ou igual a 50	15	16,4	46,87
De 51 a 100	7	75,7	21,87
Maior que 100	10	296,85	31,25
Total	32	116,89	100,00

Tais resultados significam que, em termos médios, a atividade leiteira em Pedro Leopoldo concentra-se em pequenas e médias propriedades.

A maior parte destas propriedades utiliza toda sua área para exploração da pecuária de leite (75%), sendo que o restante das propriedades utilizam área significativa para outras atividades. Sendo assim, a área destinada à exploração de leite variou de 2,1ha a 714 ha, com média de 34 ha e desvio padrão igual a 141,87 ha (Tabela 8).

Tabela 8 – Área destinada ao gado de leite nas propriedades visitadas. Pedro Leopoldo – MG. 1999.

Categorias por área (ha)	Número de propriedades	Média (ha)	%
Menor ou igual a 50	16	17,34	50,00
De 51 a 100	8	76,75	25,00
Maior que 100	8	280,92	25,00
Total	32	34	100,00

Das propriedades visitadas, 53,12% produzem até 100 litros de leite ao dia em média no ano. Outras 31,25% produzem entre 101 e 500 litros por dia e 18,75% produzem mais de 500 litros por dia, conforme Tabela 9.

Tabela 9 – Produção total de leite por dia nas propriedades visitadas, segundo os produtores. Pedro Leopoldo – MG. 1999.

Categorias por produção - (litros) -	Número de propriedades	Média (litros/dia)	%
A – menor ou igual a 100	17	49,70	53,12
B – de 101 a 500	9	245,55	28,13
C – maior que 500	6	1.041,66	18,75
Total	32	290,78	100,00

A categorização de produtores de leite em pequenos, médios e grandes com base no volume de produção tem sido bastante utilizada na caracterização dos sistemas de produção. Mais recentemente, SEBRAE/FAEMG (1996) utilizou deste recurso para a caracterização da produção de leite no Estado de Minas Gerais.

A Figura 3 ilustra esta situação da seguinte forma:

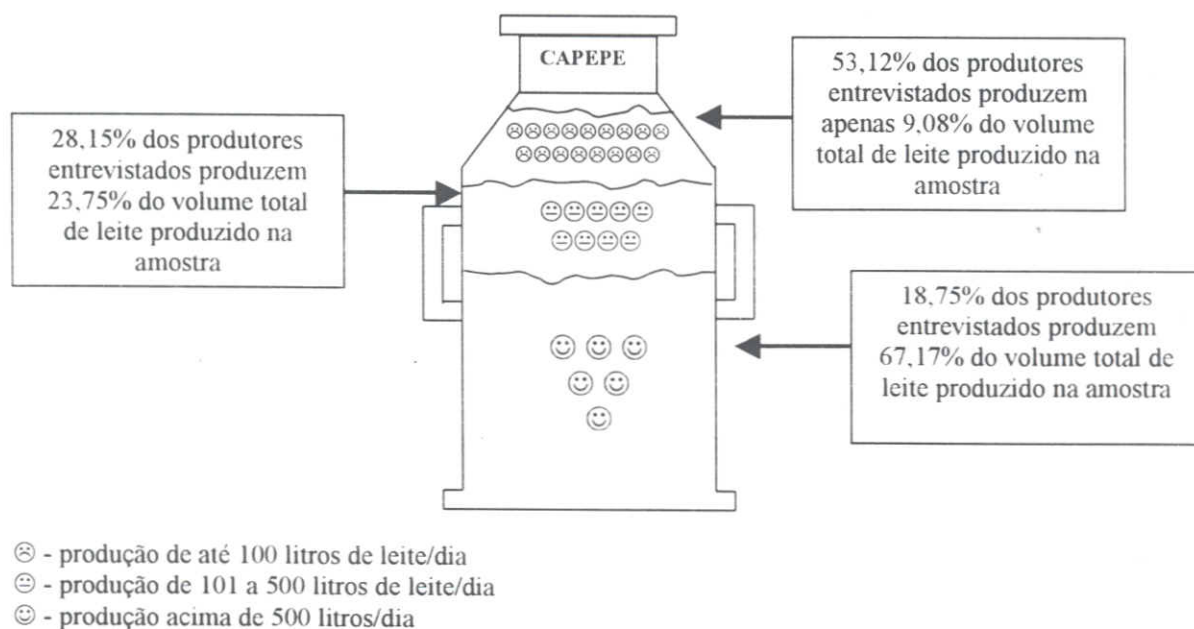


Figura 3 – Distribuição dos produtores, segundo o volume de produção. Pedro Leopoldo – MG. 1999.

Podemos observar na amostra em estudo que existe uma relação inversa entre o número de produtores e o volume de leite produzido, ou seja, um grande número de produtores correspondem a uma pequena parcela de volume total de leite produzido e, por sua vez, um reduzido número de produtores detêm a maior parte deste volume.

Em uma pesquisa realizada por SEBRAE/FAEMG (1996), para o diagnóstico da pecuária leiteira de Minas Gerais, onde cerca de 60% dos produtores respondiam a apenas 20% da produção de leite do estado, chegou-se à conclusão de que vem aumentando a diferença entre o pequeno e o grande produtor, em termos de produtividade e rentabilidade.

No Brasil, segundo Choucair (1998) o quadro não é diferente, pois 50% dos produtores brasileiros produziam apenas 10% dos 20 bilhões de leite produzidos naquele ano. Por outro lado, estão apenas 10% de produtores responsáveis por 50% da produção total.

Gomes (1998), analisando a produtividade dos últimos anos, confirma a tendência de maior distância entre os extremos da cadeia produtiva

E do ponto de vista social? A quem importa a inserção do pequeno produtor no mercado? Que elementos podem ser oferecidos a estes produtores para que o mercado passe a ser a sua solução? E de que maneira esse produtor pode se profissionalizar da forma que desejam as indústrias do setor?

Essa é uma polêmica que vem sendo discutida desde o início da pecuária leiteira no Brasil. Em todos os debates que envolvem os destinos e o cenário futuro para a produção de leite, é comum ouvir afirmações como: "O pequeno produtor vai acabar" e outras desse gênero. Porém, o que ocorre é que esse produtor vem sobrevivendo ao longo dos anos, desafiando qualquer previsão sobre o seu destino.

A opinião dos produtores entrevistados sobre o assunto é colocada a seguir:

do leite, já que há 20 anos os pequenos produtores respondiam por 30% da produção nacional, e este índice caiu para 10% em 1998, estimando ainda uma taxa de 3 a 5% para os anos seguintes.

Sem dúvida o grande produtor oferece mais retorno às indústrias, justificando assim a sua posição confortável na cadeia produtiva. Além disso, as indústrias alegam que a imposição de certas medidas são necessárias à melhoria da produtividade e qualidade do leite oferecido aos consumidores, passando por um processo de profissionalização.

Assim um fator tem sido decisivo para que os pequenos produtores continuem sendo alijados do mercado: a pequena representatividade em volume de leite que estes produtores têm junto à indústria. O que se pode explicar é que a quantidade de produtores com pequena escala de produção, 53,12 %, contribui para a elevação do custo de transporte do leite da fazenda para a indústria, aumentando também o custo da produção, pelo aumento do custo fixo médio. Este é o ponto de vista do abastecimento do mercado pela produção de leite.

"O pequeno produtor não tem saída."
(Produtor 14)

"Permanecerão os grandes produtores."
(Produtor 22)

"O grande produtor está interessado na lavagem de dinheiro e o pequeno não tem a mínima noção do gerenciamento."
(Produtor 24)

"A tendência é acabar o pequeno produtor."
(Produtor 25)

Com a abertura dos mercados internacionais, a competição entre as grandes empresas que controlam a cadeia produtiva do leite aumentou significativamente. Com isso, as exigências de produtividade no setor também aumentaram, recaindo diretamente sobre os produtores a

responsabilidade de produzir mais, com qualidade e a menores custos. Sendo assim, na definição do perfil de produtores que melhor atenda as exigências da agroindústria, tem-se a predileção por aqueles que possam, a curto prazo, se enquadrar nestas condições, ou seja, as regras impostas aos produtores para que estes sejam mais eficientes têm um peso maior sobre aqueles que ainda não atingiram condições de estabilidade na atividade.

Políticas de preços diferenciados pagos aos produtores, bem como exigências de investimentos a curto prazo, vêm tornando cada vez mais difícil a ascensão dos pequenos produtores e até mesmo sua inserção na cadeia produtiva de leite.

Na concepção dos produtores entrevistados, o problema é colocado da seguinte forma:

“Quem produz 800 litros recebe um preço, é horrível, vergonhoso. Prejudica o pequeno produtor. Paga pro grande mais do que paga pro pequeno.”
(Produtor 04)

“O leite é o mesmo, mas a gente ganha menos. Quem entende. Quando a pessoa compra o leite no supermercado, ela não sabe se tá comprando de um pequeno ou um grande produtor, é tudo igual. É por que a gente recebe preço diferente.”
(Produtor 27)

“Quem produz mais não precisa de recurso, os pequenos é que precisam de um preço melhor pra subir. Eles estão com preconceito com os pequenos.”
(Produtor 32)

Em 56,25% das propriedades visitadas a produção de leite por vaca ao dia foi registrada num patamar de até oito litros. Do restante, 37,5% afirmou ter média de produção por vaca entre oito e quinze litros e apenas 6,25% acima de 15 litros (Tabelas 10 e 11).

Tabela 10 – Produção média de leite/vaca/dia nas propriedades visitadas, Pedro Leopoldo – MG, 1999.

Categorias por produção (litros)	Número de propriedades	%
Menor ou igual a oito	18	56,25
De nove a quinze	12	37,50
Maior que quinze	2	6,25
Total	32	100,00

Tabela 11 – Produção média de leite/ vaca/dia por estrato de produção, Pedro Leopoldo – MG, 1999.

Categorias por produção (litros/dia)	Média (litros/vaca/dia)
Até 100	7,73
101 a 500	9,38
Mais de 500	14,33
Total	10,48

O índice de produtividade alcançado pelos grandes produtores é 85 % maior que o mesmo índice conseguido pelos pequenos produtores. Esses dados diferem daqueles encontrados por SEBRAE/FAEMG (1996) para o Estado de Minas Gerais, da ordem de 111 %, revelando que no âmbito estadual a distância entre os pólos da cadeia produtiva é mais acentuada em termos de eficiência produtiva.

O gado mestiço representa a maioria das propriedades visitadas (65,62%). O restante (28,13%) criam o gado cruzado (Holandês/Zebu) e apenas 6,25% criam o gado Holandês puro (Tabela 12).

Tabela 12 – Grau de sangue do gado criado nas propriedades visitadas. Pedro Leopoldo – MG, 1999.

Grau de sangue do gado	Número de propriedades	%
Mestiço*	21	65,62
Cruzado (Holandês / Zebu)	9	28,13
Holandês	2	6,25
Total	32	100,00

* Sem padrão racial definido

A monta natural é o método de reprodução utilizado em 75% das propriedades visitadas. Em 12,5% das propriedades utiliza-se a inseminação artificial e 9,37% utilizam a monta natural e inseminação artificial e apenas 3,13% utilizam os métodos de inseminação artificial e transferência de embriões (Tabela 13). Considerando estes resultados com o padrão genético do gado utilizado pela maioria dos produtores, deve persistir a baixa especialização destes animais para a produção de leite.

Tabela 13 – Métodos de reprodução utilizados nas propriedades visitadas. Pedro Leopoldo – MG, 1999.

Tipos de reprodução utilizadas	Número de propriedades	%
Monta natural	24	75,00
Inseminação artificial	4	12,50
Monta natural e inseminação artificial	3	9,37
Inseminação artificial e transferência de embriões	1	3,13
Total	32	100,00

Em 59,37% das propriedades visitadas são feitas duas ordenhas diariamente, enquanto que no restante das propriedades (40,63%) a prática é de apenas uma ordenha ao dia, como pode se observar na Tabela 14.

Tabela 14 – Número de ordenhas diárias nas propriedades visitadas. Pedro Leopoldo – MG, 1999.

Número de ordenhas	Número de propriedades	%
Uma	13	40,63
Duas	19	59,37
Total	32	100,00

A frequência de ordenhas pode ser considerada como um indicador síntese que define o padrão de manejo do rebanho. Isto porque o número de ordenhas depende da produção das vacas. Maior produção de leite, maior número de ordenhas diárias. Em 40,63% das propriedades visitadas a ordenha é feita apenas uma vez ao dia. Esse resultado se justifica pela composição da amostra de produtores pesquisada, ou seja, mais da metade destes produtores têm produção inferior a 100 litros de leite por dia.

Na grande maioria das propriedades visitadas, ou seja, 84,37%, o sistema de ordenha utilizada é o manual com bezerro. Outros 9,37% utilizam a ordenhadeira mecânica sem o bezerro e apenas 6,26% o sistema manual sem o bezerro (Tabela 15).

Tabela 15 – Tipos de ordenha utilizadas nas propriedades visitadas. Pedro Leopoldo – MG, 1999.

Tipos de ordenha	Número de propriedades	%
Manual com bezerro	27	84,37
Manual sem bezerro	2	6,26
Mecânica sem bezerro	3	9,37
Total	32	100,00

A baixa frequência na utilização da ordenha mecânica além de se apresentar como um indicador de baixa capitalização da maioria dos produtores, dado o seu alto custo de implantação, está relacionada com o padrão genético do gado utilizado por estes produtores.

A produtividade da terra das propriedades visitadas variou entre 240,9 a 10.950 litros/ha ao ano, com uma média de 1.559,00 litros/ha/ano. A produtividade da terra nas propriedades visitadas está bem acima da média encontrada por SEBRAE/FAEMG (1996), de 651 litros/ha/ano para Minas Gerais, indicando que na região estudada a atividade leiteira se concentra em pequenas e médias propriedades.

Em relação a mão-de-obra utilizada nas propriedades visitadas, em 46,88% destas a mão-de-obra era contratada. Em outras 43,75% eram utilizadas exclusivamente a mão-de-obra familiar e em apenas 9,37% eram utilizadas em conjunto a mão-de-obra familiar e a contratada (Tabela 16). É importante ressaltar que 93,00% das

propriedades que utilizam exclusivamente a mão-de-obra familiar estão dentro da categoria de pequenos produtores (Tabela 17).

Tabela 16 – Tipos de mão-de-obra utilizadas nas propriedades visitadas, Pedro Leopoldo – MG, 1999.

Tipos de mão-de-obra utilizadas*	Número de propriedades	%
Familiar	14	43,75
Contratada	15	46,88
Ambas	3	9,37
TOTAL	32	100,00

- Deve-se esclarecer que em todas as propriedades visitadas contrata-se mão-de-obra para serviços temporários e específicos, o que não foi levado em conta na pesquisa.

Tabela 17- Tipos de mão-de-obra utilizadas por estrato de produção, Pedro Leopoldo – MG, 1999.

Categorias por volume de produção	Tipos de mão-de-obra					
	CON	%	FAM	%	CON +FAM	%
Grande	6	40,00	0	0	0	0
Médio	5	33,33	1	7,14	3	100
Pequeno	4	26,67	13	92,86	0	0
TOTAL	15	100	14	100	3	100

CON: contratada

FAM: familiar

A mão-de-obra é considerada como um dos fatores de produção que mais oneram a atividade leiteira. Assim, a alta frequência de mão-de-obra familiar entre os pequenos produtores, neste estudo, é condição importante para sua permanência nesta atividade, uma vez que a mão-de-obra familiar não aumenta o custo de produção do leite para os mesmos.

A maior parte dos produtores entrevistados afirmaram não utilizar a silagem como opção na alimentação do gado (56,25%), enquanto que 43,75% utilizam esta prática. No que diz respeito ao sal mineral, a grande maioria dos produtores, ou seja, 81,25%, fornece o mesmo durante o ano todo. Já 18,75% não utiliza o sal mineral ou só o faz na época da seca. Esses dados revelam a

baixa inversão tecnológica da maioria dos produtores na área de nutrição animal.

Todos os produtores visitados afirmaram fazer a vacinação contra a Febre Aftosa. Destes mesmos entrevistados, 96,9% utilizam a vacina contra a Brucelose, 65,6% contra a "Manqueira" e 59,4% contra a Raiva (Figura 4).

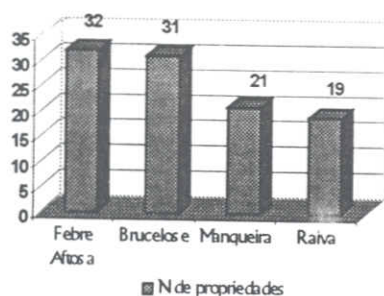


Figura 4 – Vacinas utilizadas nas propriedades visitadas, Pedro Leopoldo – MG, 1999.

O alto índice da prática de vacinação de Febre Aftosa e Brucelose demonstram um novo posicionamento dos produtores perante as medidas preventivas para tais enfermidades.

A grande maioria dos produtores entrevistados, que corresponde a 68,75%, ainda não possuem o tanque de expansão em sua propriedade, enquanto que 31,25% dos produtores já possuem o tanque em suas propriedades (Figura 5).

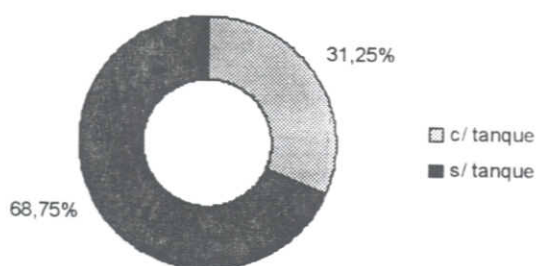


Figura 5 – Frequência de propriedades visitadas com tanque de expansão, Pedro Leopoldo – MG, 1999.

A baixa frequência de produtores que utilizam o tanque de expansão demonstra que a implantação do processo de transporte granelizado do leite, ainda em fase de implantação, terá sua conclusão de médio a longo prazo. Também por tratar de uma exigência imposta pela agroindústria para a aquisição do tanque de expansão, a fim de viabilizar o processo de granelização no transporte do leite, esta afeta principalmente o pequeno produtor, visto que os mesmos não se encontram em condições para tal investimento. Nos trechos das entrevistas que se seguem podemos constatar a opinião dos produtores.

“Em tudo o pequeno produtor está marginalizado. Não tem crédito, nada. Tudo é criado é pra acabar com o pequeno produtor. Se ele fatura R\$ 250,00 como é que ele vai comprar um tanque de R\$ 5.000,00?”
(Produtor 22)

“Quem tem uma vida regrada consegue viver com 50 litros de leite, R\$ 400,00 ou R\$ 500,00, onde fecha o ciclo dele. Comprar às vezes só sal e açúcar. Agora esse sistema tá matando o pequeno, como que ele vai comprar um tanque de R\$ 5.000,00?”
(Produtor 24)

“O governo não olha o pequeno produtor, não olha a maioria, tá acabando com os pequenos.”
(Produtor 23)

“O pequeno produtor é que tem que ter incentivo, né? Quem que tem condições de comprar o tanque?”
(Produtor 29)

“O leite a granel vai enterrando mais ainda os pequenos.”
(Produtor 15)

4.3 – Produção de leite: preço, comercialização e cooperativismo.

Em todo o processo de evolução histórica da produção de leite no Brasil, o produtor sempre reclamou do preço recebido na venda de seu produto. Constantemente citado pelos produtores como o maior problema da atividade, o preço do

leite controlado pelo Governo até 1991, é motivo de descontentamento desses produtores com os laticínios e cooperativas.

Segundo a percepção dos produtores entrevistados sobre os problemas da atividade leiteira, em 78,12% da amostra o baixo preço do leite foi considerada a alternativa mais importante entre as citadas. Este resultado se assemelha ao obtido por SEBRAE/FAEMG (1996), que foi de 71% para o Estado de Minas Gerais.

Esses resultados tornam-se preocupantes, uma vez que com a crescente competição no mercado internacional, a tendência é de uma estabilidade ou até mesmo queda nos preços do leite, colocando a resolução deste problema cada vez mais distante do produtor e mais próximo dos consumidores.

"O leite é um produto explorado com preço muito baixo."
(Produtor 16)

"O leite vale menos que uma dose de pinga e é alimento."
(Produtor 15)

"Quantos litros de leite tem que vender pra comprar um copo de água mineral?"
(Produtor 18)

"O preço do leite é demagógico demais, você compra água por um real, cafezinho por trinta centavos, onde é que está este parâmetro?"
(Produtor 22)

"O leite não dá pra pagar a ração."
(Produtor 29)

"Hoje o custo da produção é alto e o preço do leite é baixo."
(Produtor 30)

Segundo a opinião dos produtores entrevistados, o aumento do preço do leite seria a forma de compensar a baixa escala de produção e os altos custos, garantindo assim a viabilidade econômica

da atividade. Porém, esse caminho pode ser perigoso. Do outro lado estão os consumidores, que não concordam com esse procedimento e para combatê-lo lança mão do leite importado.

Outro ponto importante que pode ser observado na fala dos produtores é a comparação entre o preço de venda do leite in natura com o preço final de alguns produtos com valor agregado, sugerindo que o leite seja um produto desvalorizado. Mais uma vez o produtor se esquece que com o aumento de produção e abertura de mercados internacionais, prevalece a lógica capitalista que regulam os preços.

Sendo assim, a partir da percepção do produtor sobre os problemas da atividade leiteira, é recomendável que a estes produtores sejam oferecidos conhecimentos sobre economia de escala, mercado internacional e administração rural, para que se facilite a adoção de novas técnicas que viabilizem o processo de produção (SEBRAE/FAEMG, 1996).

Dentre as entidades de organização e participação dos produtores de leite, a Cooperativa Agropecuária de Pedro Leopoldo (CAPEPE) é a que mais se destaca no referido município, tanto pela representatividade de produtores cooperados, como pelo volume de leite recebido.

Associada à Cooperativa Central dos Produtores Rurais/Itambé, a CAPEPE, além do fornecimento de leite para a Itambé, conta com uma unidade de processamento lácteo e um estabelecimento comercial.

Todos os produtores entrevistados para o presente estudo são associados à CAPEPE, sendo que 78,12% destes são cooperados há mais de 10 anos. Revelaram estar insatisfeitos com a cooperativa 50% dos produtores, enquanto que 37,5% disseram estar satisfeitos e apenas 12,5% dos produtores não opinaram sobre o assunto.

Os trechos das entrevistas abaixo mostram as opiniões dos produtores que demonstram a ideia da subordinação pela qual a Cooperativa se

estabelece com a agroindústria, tendo poucos poderes de decisão na cadeia produtiva.

"A Cooperativa tem dificuldade por estar ligada à Itambê."
(Produtor 14)

"Não posso falar mal dela. O problema está acima, vem da Itambê."
(Produtor 15)

A insatisfação dos produtores configurada nas falas abaixo é caracterizada em grande parte pela falta do sentido cooperativista na manutenção do equilíbrio representativo de seus cooperados. Além disso, na percepção dos produtores faltam uma série de serviços que poderiam ser prestados pela Cooperativa.

"A Cooperativa é só cabide de emprego, igual a Prefeitura."
(Produtor 23)

"Considero ali uma casa de negócio. Tinha que mudar o nome para casa de comércio. A Cooperativa não faz nada. Antigamente era bom, hoje não. É Cooperativa pra que? Ajudar uai!"
(Produtor 25)

"Somos cooperados, mas não existe cooperação nenhuma. Os olhos tinham que estar voltados para os produtores. A gente tá na mão deles, e do jeito que eles querem mesmo."
(Produtor 26)

"Eu nem frequento a reunião da Cooperativa. Eu só pequeno e o pequeno não tem vez."
(Produtor 29)

"Não estou satisfeito. A Cooperativa não presta assistência aos cooperados."
(Produtor 16)

Indagados sobre o motivo de ser associado à Cooperativa, 81,25% do entrevistados revelaram ser a comercialização do leite a principal razão de estarem cooperados. Do restante dos entrevistados 12,5% citaram outros motivos e apenas 6,25% não opinaram.

"A Cooperativa é mais segura, compra até o leite azedo. Vendê direto é instável; o comprador deixa de comprar seu leite se achar quem vende mais barato."
(Produtor 01)

"Vendia o leite na rua, mas foi pior, davam o cano, não pagavam."
(Produtor 02)

"Cumê é melhor que lambê. Tô na Cooperativa porque não tem outro lugar pra vender o leite."
(Produtor 05)

Historicamente, uma das características de atividade leiteira mais apreciadas pelos produtores é a frequência do recebimento mensal. Conseguidos pelos mesmos junto a cooperativas e laticínios.

Para os grandes produtores, mesmo com baixa margem de lucro, estes preferem o ganho certo do que o risco em investimentos para a verticalização da produção, que traria maior margem de lucro na venda do produto. Já para os pequenos produtores a situação é ainda mais difícil, pela baixa escala de produção e falta de recursos para investir na atividade, o que o levaria à venda do leite fluido em quantidades pulverizadas com recebimento irregular.

4.4 – A atuação dos Veterinários junto aos produtores de leite

O atual quadro em que se encontra a cadeia produtiva do leite no Brasil se caracteriza pelo acirramento competitivo desta atividade, com um significativo aumento de produção e produtividade nos últimos anos e, por outro lado, por algumas transformações sociais preocupantes. Como foi discutido em itens anteriores deste estudo, podemos observar uma acentuação gradativa das diferenças entre os extremos que compõem a cadeia produtiva do leite, em termos de produtividade, rentabilidade e acesso ao mercado. Com isso, assistimos ao empobrecimento e exclusão dos pequenos produtores do cenário produtivo.

Nesta perspectiva, buscamos apreender junto aos produtores de leite de Pedro Leopoldo a sua percepção com relação à sua atividade e ao profissional veterinário, na tentativa de identificar alguns pontos importantes na participação deste profissional na atividade leiteira. Desta forma, é possível vislumbrar diante da demanda destes produtores, uma reflexão sobre a nossa prática profissional, reafirmando o compromisso social de desenvolver o setor agropecuário.

No grupo de produtores entrevistados, a assistência técnica veterinária se dá basicamente de duas formas: eventual, onde a presença do veterinário na propriedade ocorre quando é acionado pelo produtor para a realização de algum serviço; e permanente, que se caracteriza por uma assistência programada com acompanhamento técnico da propriedade em visitas periódicas com intervalos de tempo pré-definidos.

Nessa modalidade de assistência, o serviço é na sua totalidade auto financiado pelo produtor. Os produtores utilizam os serviços de 05 profissionais veterinários autônomos que estão à disposição na região de estudo.

Além da assistência técnica particular, os produtores entrevistados contam com os serviços do IMA na área de defesa Sanitária e da EMATER. Estas instituições pouco foram citadas pelos produtores entrevistados, possivelmente pelo caráter específico dos serviços prestados, campanhas e vacinações pelo IMA e trabalhos de assistência esporádica e descontínua como no caso da EMATER.

Segundo os produtores entrevistados, 87,5% dos mesmos recebem uma assistência técnica veterinária eventual, enquanto que apenas 12,5% contam com a assistência permanente (Tabela 18).

Tabela 18 – Tipo de assistência veterinária nas propriedades visitadas, Pedro Leopoldo – MG, 1999.

Tipo de assistência	Número de propriedades	%
Eventual	28	87,50
Permanente	04	12,50
TOTAL	32	100

A seguir, nas falas dos produtores entrevistados podemos ilustrar esta categoria de análise:

“Veterinário é só pra cirurgia. Só nunca tentei abrir uma vaca, mas vou tentar.”
(Produtor 01)

“Sou muito experiente, nem veterinário não gosto.”
(Produtor 09)

“Veterinário aqui só se for pra tirar leite. O pequeno não tem serviço pra ele.”
(Produtor 09)

“Só quando não tem jeito mesmo chama o veterinário.”
(Produtor 10)

“Raramente procuro o veterinário. Só quando não posso fazer o serviço.”
(Produtor 14)

“Se fosse chamar um veterinário pra ver o cavalo, tudo que ele puder explorar, ele explora. Vai cobrar o preço do cavalo.”
(Produtor 16)

“É muito caro manter um veterinário em decorrência do preço do leite.”
(Produtor 26)

"A Cooperativa tinha que ter veterinário pra dar assistência. Cê chama o veterinário, tem que ser particular, aí sai caro demais."

(Produtor 32)

De fato, a descapitalização que acomete a grande maioria dos produtores entrevistados, como também a maioria dos produtores de leite do país, aparece como um dos principais motivos da predominância de uma assistência técnica veterinária eventual e alguns casos esporádica. Porém, em algumas das falas citadas anteriormente, os produtores justificam esta modalidade de assistência, por não precisar ou por não perceber a sua necessidade. Acreditam que com sua experiência não há vantagem em receber assistência técnica.

Resultados semelhantes foram encontrados por Pereira (1998) em seu trabalho com estratos familiares de produção, porém em tempo e local diferentes.

De qualquer forma, as justificativas destes produtores podem nos levar a uma reflexão sobre a adequação do trabalho desses profissionais aos interesses da pequena produção.

Grande parte dos produtores entrevistados estão na atividade leiteira há bastante tempo. Essa experiência no trato com os animais, bem como o acompanhamento de algumas técnicas veterinárias, levaram estes produtores a adotar procedimentos clínicos e até cirúrgicos no seu cotidiano. Dos entrevistados, 62,5% afirmaram utilizar eles mesmos algumas técnicas veterinárias quando necessário.

Nos trechos das entrevistas abaixo relacionadas, temos exemplos desta categoria:

"Vários veterinários que já trouxe aqui não conseguiu por a madre da vaca pra dentro, e eu consegui."

(Produtor 01)

"O que eles fazem aí, a gente faz a mesma coisa. A gente só não sabe a qualidade dos remédios."

(Produtor 09)

"Se puder evitar veterinário é bom, a gente faz tentativa."

(Produtor 16)

"Só quando é o primeiro caso que acontece, aí a gente precisa do veterinário, né? No mais a gente tem costume."

(Produtor 28)

"Quando a vaca não limpa, de acordo como que eu vejo o veterinário fazer, depois eu faço."

(Produtor 32)

"Geralmente resolvo problemas de parto."

(Produtor 31)

"Eu mesmo dô uma de veterinário. Faço vacinação, mochação, parto e madre pra fora."

(Produtor 32)

Possivelmente, uma das razões destas condutas narradas pelos produtores é o contato que os mesmos tiveram anteriormente com profissionais que, segundo Pereira (1998), muitas vezes desenvolvem, cotidianamente, estratégias únicas de relacionamento com a prática técnica e, freqüentemente descontextualizadas, garantindo, em parte, a reprodução social da categoria.

Na análise dos discursos dos produtores podemos ainda perceber a visão limitada que estes têm do profissional veterinário. A explicação para tal fato pode estar na maneira destes profissionais se posicionarem, oferecendo serviços como vacinações, mochações e outras intervenções pontuais. Para Viana (1995), outra explicação está no direcionamento do currículo da Medicina Veterinária para a clínica médica, reduzindo o universo de atuação do profissional, privilegiando as ações individualizadas.

Um dos fatores decisivos para o sucesso das relações produtor/veterinário é a utilização de um canal de comunicação que permita um bom entendimento das partes, capaz de proporcionar uma maior eficiência na resolução dos problemas inerentes à produção, além da satisfação do produtor com o serviço prestado.

Dos produtores entrevistados, 56,25% afirmaram ter algumas dificuldades no entendimento das orientações técnicas prestadas pelos veterinários. Tal resultado é mais alarmante, quando constatamos que a grande maioria dos produtores que fizeram esta afirmação são pequenos produtores, conforme os trechos abaixo:

"Quando precisa vem o veterinário. Vem e trata, mas não garante não."
(Produtor 05)

"Ali no D... teve veterinário, gastou muito com a vaca, ela morreu, e nem deram satisfação."
(Produtor 16)

"Eu tenho problema é dos empregados seguir a medicação que o veterinário deixa."
(Produtor 23)

"O veterinário deve ser educado, tratar bem as pessoas e explicar as coisas."
(Produtor 30)

"Gostava do veterinário que orientava sobre os serviços."
(Produtor 32)

De acordo com Pereira (1998), em trabalho realizado com estrato de produtores familiares, a formação do veterinário está distante dos conhecimentos necessários para a apreensão da realidade vivida por estes produtores, que foge do padrão tecnicista, no qual está baseada sua formação.

Desta forma, é necessário uma reflexão na formação de novos profissionais sobre conteúdos ministrados nas Universidades. Tais conteúdos devem ultrapassar os limites da tecnologia, primando também por uma formação humanística e contextualizada socialmente, além de possibilitar aos estudantes uma maior vivência da problemática do meio rural.

Para FAO (1998) o imenso e complexo desafio da equidade exige urgente adequação na formação dos profissionais das Ciências Agrárias, de forma que estes, além de promover

o necessário desenvolvimento da pecuária empresarial, também estejam em efetivas condições de transformar a estagnação em que se encontram os pequenos produtores.

Mesmo com uma visão bastante reduzida sobre as possibilidades da Medicina Veterinária, em algumas das entrevistas, das quais podemos observar a seguir, onde os produtores ainda acreditam que o veterinário é um profissional capaz de auxiliá-lo na solução de alguns de seus problemas:

"O veterinário deve estar pronto a atuar desde a administração da fazenda até a parte clínica."
(Produtor 12)*

"O veterinário deve ter uma visão geral do processo de produção."
(Produtor 20)*

"Eu não sou técnico, preciso de alguém que seja especialista."
(Produtor 21)*

"O veterinário pode vim fazer toque, exame, agora o resto a gente ficou prático: pneumonia, diarreia, etc. Eu precisava era assim pra ver se vamos mudar a ração, melhorar o gado..."
(Produtor 22)*

"O veterinário tem que aliar o conhecimento ao mercado, saber pra quem trabalha e qual o potencial desse produtor."
(Produtor 23)*

"O serviço veterinário deve ser orientado. Em vez de ficar quatro dias parado na Cooperativa, anda produz, pega o produtor e faz ele melhorar a produção. Ganha o produtor, o veterinário e a Cooperativa."
(Produtor 24)*

* Na percepção destes produtores, o veterinário é um profissional capaz de atuar de maneira mais efetiva no processo de produção, indo além das intervenções estritamente clínicas. Na identificação destes produtores (*), podemos constatar que estes se tratam de médios ou

grandes produtores. Essa constatação demonstra que produtores em diferentes condições produtivas percebem o profissional veterinário de acordo com a sua realidade. Desta forma, buscamos compreender esse fenômeno na seguinte concepção de Haguette (1995): "A sociedade é constituída por elementos materiais e simbólicos que se entrelaçam e se consubstanciam em realidade concreta, segundo a percepção que deles tenha a população envolvida; ela é pois, um misto de aspectos objetivos e subjetivos. Esta percepção, entretanto, não é homogênea, variando segundo a posição que os indivíduos e os grupos ocupam na estrutura social, ou seja, a partir de sua posição de classe. A divisão em classes sociais é consequência da apropriação das riquezas por poucos, através da exploração econômica, o que gera a pobreza e a miséria de muitos."

Segundo os produtores entrevistados, a forma de assistência praticada diante de algum problema específico deve ceder lugar a um trabalho de acompanhamento mais próximo aos sistemas de produção, enfocando a atividade leiteira como um todo.

Para Santos (1995), o profissional que adota uma forma de prestação de serviços com bases no acompanhamento e orientação, passa a ser um motivador e um agente de mudança de conceitos dos pecuaristas em relação à atividade leiteira.

Os produtores demonstraram ainda nos depoimentos citados anteriormente a sua predileção por um serviço mais contextualizado com processo de produção de leite, em que o profissional seja capaz de interferir em todas as etapas deste processo, contribuindo para a melhoria de sua produção. Nesta mesma perspectiva, em trabalho da avaliação das demandas dos produtores rurais da América Latina, FAO (1996) concluíram que estes necessitam de profissionais "solucionadores" de problemas, "mobilizadores" de pessoas e de vontades e "transformadores" das realidades adversas imperantes no meio rural.

5 PERSPECTIVAS E REFLEXÕES

Para a realização desta pesquisa foi necessário um recorte analítico da realidade. Entretanto, para as considerações feitas neste tópico da dissertação é preciso reconstruir a totalidade para uma melhor compreensão dos resultados obtidos no presente trabalho.

Os resultados desta pesquisa refletem a diferença entre os produtores de leite, em termos de produtividade e rentabilidade. Há uma distância crescente entre o grande contingente de pequenos produtores e aqueles que já se estabilizaram no processo produtivo. Tal desequilíbrio só poderá ser suavizado, ou até mesmo revertido, se medidas eficazes de apoio ao pequeno produtor forem implementadas para que a sua inserção no mercado ocorra de uma forma mais vantajosa que a atual.

Na avaliação das entrevistas realizadas, percebe-se a insatisfação da maioria dos produtores entrevistados em relação às políticas diferenciadas para o pagamento do leite, segundo critérios estabelecidos pela agroindústria. Além disso, outro ponto de descontentamento, principalmente dos pequenos produtores é a exigência por parte da agroindústria da aquisição do tanque de expansão pelos produtores para a viabilização do processo de transporte granelizado do leite. Tal aquisição implica, segundo os produtores em um investimento acima de suas condições financeiras.

Desta forma, os segmentos da sociedade envolvidos com a pecuária leiteira devem buscar soluções para um fortalecimento equitativo e sustentável deste setor produtivo.

Espera-se diante disto, a abertura de novas discussões entre a agroindústria e as entidades representativas dos produtores para que se estabeleçam critérios mais justos na definição dos preços do leite pagos aos produtores. Com relação aos tanques de expansão, sugerem-se estudos que contemplem a viabilidade da aquisição destes tanques por grupos de pequenos produtores, como alternativa de proporcionar a permanência desses produtores na atividade.

Ao analisar a percepção dos produtores em relação aos serviços prestados pelo veterinário,

fez-se uma avaliação parcial dessa assistência e das relações que aí se estabelecem, evidenciando na maioria dos casos uma descontextualização das ações deste profissional.

Na busca de soluções para este problema, é necessário que os profissionais veterinários ligados ao setor rural realizem uma reflexão e redefinição de sua prática, colocando os produtores como sujeitos de suas ações, as quais devem estar em sintonia com o contexto dos mesmos.

É inegável o enorme avanço da Medicina Veterinária no campo das inovações tecnológicas para o incremento da pecuária brasileira. Porém, há um descompasso entre a disponibilidade destas tecnologias e a sua aplicação no meio produtivo. A grande maioria dos produtores brasileiros não podem ou não conseguem incrementar seus sistemas de produção por razões que vão além das esferas biológica e tecnológica, às quais estamos tão habituados. Talvez o pouco conhecimento que temos sobre esse "homem que produz", explique parte de nossas limitações na descrição desta realidade.

Em documento sobre a geração de tecnologias adequadas ao desenvolvimento rural, a FAO (1988) recomenda desenvolvimento de linhas de pesquisa orientadas ao conhecimento do comportamento do produtor, como forma de conhecer as normas de conduta que regem as decisões destes produtores frente às tecnologias e ao profissional, suas atitudes e motivações, assim como limitações de ordem cultural e socio-econômica que dificultam a mudança de suas condições de produção e consequentemente a melhoria de seus níveis de vida.

Sendo assim, estas reflexões apontam para a necessidade de um enfoque interdisciplinar na formação do veterinário, tornando-o mais que um simples "técnico de nível superior propagador de tecnologias", mas sobretudo um profissional com formação humanística, atento para os desníveis sociais, e comprometido com o desenvolvimento do meio rural.

6 CONCLUSÕES

- ✓ A produção leiteira nas propriedades visitadas, caracteriza-se pelo predomínio da utilização da mão-de-obra familiar, em área total inferior a 50 ha, com utilização da monta natural como forma de reprodução, prevalecendo o gado sem padrão racial definido sobre os demais. Observou-se ainda, o predomínio da ordenha manual, com produção em torno de 90 litros/dia e produtividade próxima dos 8 litros/vaca/dia. A assistência veterinária é eventual e os dados referentes à atividade são subregistrados. Assim, tais características refletem um sistema de produção predominantemente artesanal nestas propriedades.
- ✓ A disposição dos produtores de leite no contexto estudado demonstra uma distribuição polarizada deste setor produtivo, onde um grande número de produtores detêm baixos índices de produção, com pequena participação na oferta global de leite, contrapondo um número reduzido de produtores que respondem pela maior parte do volume de leite produzido.
- ✓ O presente estudo aponta para uma tendência de redução quantitativa de produtores a médio prazo na região estudada, em função da elevada média de idade dos produtores, da falta de sucessores familiares e da baixa inclusão de novos empreendedores na atividade leiteira.
- ✓ Segundo a percepção dos produtores, o preço do leite é o principal problema da atividade leiteira, gerando insatisfação no que diz respeito a rentabilidade desta atividade.
- ✓ Na percepção dos pequenos produtores de leite, o profissional veterinário não é figura importante em seu processo produtivo. Isto se deve, principalmente, a associação deste profissional a ações pontuais, estritamente ligadas a intervenções clínicas e cirúrgicas. Entretanto, para a maioria dos grandes produtores, o veterinário pode atuar de maneira mais efetiva no processo de produção. Assim, conclui-se que a percepção dos produtores de leite em relação ao

veterinário, tende a variar de acordo com as diferentes condições produtivas destes produtores.

Belo Horizonte: UFMG. Faculdade de Ciências Econômicas. 1997. 128p. Dissertação (Mestrado).

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A. B. M. R. **Perfil do produtor rural**. [on line] <http://www.banet.com.br>, 28/12/99. 10:43.
- AQUI. Há 75 anos, um dia muito especial. **Aqui**. n. 2, p. 4-5, abril de 1999.
- ASTUDILLO, V. M. et al. Fortalecimiento de la atención veterinaria y de los sistemas de información y vigilancia a nivel local. **Boletín del Centro Panamericano de Fiebre Aftosa**. n. 57, p. 74-84, 1991.
- BARCELLOS, J. O. J. O emprego da gestão pela qualidade total na Medicina Veterinária. **Revista CFMV**. Ano II, n. 2, p. 21-24, 1997.
- BASTOS, W. F. Qual será o futuro do leite e das cooperativas? **Balde Branco**. n. 399, p. 42-46, jan. 1998.
- BERNARDES, P. R. et al. O mal do século da atividade leiteira. **Anuário Milkbizz**. São Paulo: Tortuga, 1999. p. 62-76.
- BODGAN, R. C. & BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Ed. Porto, 1994. 263 p.
- BORTOLETO, E. E. et al. **LEITE: realidade e perspectivas**. Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. São Paulo, 1997. 95 p.
- CAMARGO, S. L. S. Qualidade total. **Revista CFMV**. Ano II, n. 2, p. 14-17, 1997.
- CARVALHO, F. A. P. **Condutas de mercado no segmento agroindustrial do leite: estudo de casos no Sul de Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG. Faculdade de Ciências Econômicas. 1997. 128p. Dissertação (Mestrado).
- CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA. Comissão Nacional de Ensino da Medicina Veterinária. **Situação atual e perspectivas**. Brasília, DF. 1996. 155p.
- CHOUCAIR, G. Globalização atinge em cheio os pequenos. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 20 maio 1998. *Agropecuário*, p. 10-11.
- DEAN, A. G. et al. **EPIINFO, a word processing, date base and statistics program for epidemiology on microcomputers**. Georgia: USD, 1995 version 6.02.
- FAO. **Geración de tecnologías adecuadas al desarrollo rural**. Santiago: FAO, 1998. 41p.
- FAO. **Educación agrícola superior: la urgencia del cambio**. Santiago: FAO, 1993. n. 10, 98p.
- FAO. **Desenvolvimento agropecuário: da dependência ao protagonismo do agricultor**. Brasília: FAO, 1996. 174 p.
- GOMES, S. T. **A economia do leite**. Coronel Pacheco, MG: EMBRAPA - CNPGL, 1996. 104p.
- GOMES, S. T. Ajustamentos na produção de leite. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 20 maio, 1998. *Agropecuário*, p. 2.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1995. 224 p.
- LAVILLE, C. & DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Porto

- Alegre: Artes Médicas Sul Ltda./Ed. UFMG, 1999, 340p.
- LODI, J. B. **A entrevista: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 1974. 176 p.
- MARTINS, P. do C. & CASTRO, F. G. **Relações de troca na pecuária leiteira**. XXIV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Anais. Lavras, 1986.
- MARTINS, P. do C. **Aspectos econômicos de coordenação da cadeia produtiva do leite e seus derivados**. [on line] <http://agrosoft.com/ag97/papers/w2w1530.htm>, 18/02/00. 11:56.
- MINAYO, M. C. S. **Quantitativo e qualitativo em indicadores de saúde: revendo conceitos**. In: COSTA, M. F. L. & SOUZA, R. P. (org.). **Qualidade de vida: compromisso histórico de epidemiologia**. Belo Horizonte: Coopmed, 1994. p. 25-33.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec – Abrasco, 1996. 269p.
- MOREIRA, F. X. **Condições sanitárias e estruturas de produção da bovinocultura de leite dos núcleos de colonização de João Pinheiro e Rio Verde no Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG, Escola de Veterinária, 1988. 92p. Dissertação (Mestrado).
- PEREIRA, M. J. S. **Saúde animal na produção familiar: um abordagem epidemiológica qualitativa e quantitativa**. Belo Horizonte: UFMG, Escola de Veterinária, 1998. 106p. Tese (Doutorado).
- PRADO, E. **Características sócio-econômicas e sanitárias da pecuária bovina leiteira do município de Divinópolis-MG**. Belo Horizonte: UFMG, Escola de Veterinária, 1991. 131p. Dissertação (Mestrado).
- PRADO, J. C. **A questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1979. 188p.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PEDRO LEOPOLDO. **Mapa informativo municipal**. Acessoria Técnica de Engenharia, 1994.
- REZENDE, D. C. & JÚNIOR, A. B. **Coleta de leite a granel: um estudo de caso adotando o enfoque evolucionista**. III Congresso Brasileiro de Administração Rural. Anais, Belo Horizonte, 1999.
- RIBEIRO, R. de C. L. **A velhice em uma nova versão: uma abordagem interdisciplinar na microrregião de Viçosa – MG**. Belo Horizonte: UFMG, Escola de Veterinária, 1999. 107p. Tese (Doutorado).
- ROCHA, C. M. B. M. da. **Caracterização da percepção dos produtores do município de Divinópolis sobre a importância do carrapato *Boophilus microplus* e fatores determinantes das formas de combate utilizadas**. Belo Horizonte: UFMG, Escola de Veterinária, 1995. 205p. Dissertação (Mestrado).
- ROSENBERG, F. J. & OLASCOAGA, R. C. **Ciencias Veterinarias y sociedade: reflexiones sobre el paradigma profesional**. *Educacion Medica y Salud*. v. 25, n. 3, p. 333-345, 1991.
- SANTOS, J. A. dos. **Mudanças de conceito dão eficiência à produção de leite**. *Balde Branco*. v. 31, n. 373, p.18-23, nov. 1995.
- SEBRAE/FAEMG. **Diagnóstico da pecuária leiteira do estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 1996. 102p.
- SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Faculdade de São Paulo, 1967. 687p.
- SOUZA J. P. de. **Desenvolvimento agropecuário com equidade, competitividade e**

sustentabilidade. **Cadernos Técnicos da Escola de Veterinária da UFMG**. n. 22, p. 155-165, 1998.

TAMAYO SILVA, H. M. **A estrutura de produção como determinante de saúde animal: uma proposta metodológica**. Belo Horizonte: UFMG, Escola de Veterinária, 1981. 60p. Dissertação (Mestrado).

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1995. 175p.

VIANA, F. C. A Medicina Veterinária e o Sistema Unificado de Saúde - SUS: possibilidades e formação de recursos humanos. **Revista CFMV**. Ano I, n. 3, p. 21-23, 1995.

SEMINÁRIO PEDAGÓGICO: "FORMAÇÃO PROFISSIONAL E COMPROMISSO SOCIAL", 1987, Belo Horizonte. **Anais do Seminário Pedagógico: "Formação Profissional e Compromisso Social"**. Belo Horizonte: UFMG, Escola de Veterinária, 1987. 92p.

8 ANEXO I

PONTOS EXPLORADOS NO ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº _____ Data: ___/___/___ Início: _____ Final: _____ Tempo: _____

Informações gerais sobre a atividade leiteira

Tempo na atividade de leite

Dificuldades enfrentadas na atividade

Cooperativismo

Informações sobre a assistência técnica veterinária

Frequência

Serviços prestados

Qualidade do serviço

Informações sobre manejo dos animais

Mão de obra:

Número de ordenhas e tipo:

Produção de leite:

Tipo de reprodução:

Vacinas aplicadas no gado:

Anotações feitas na propriedade:

Caracterização do produtor

Nome: _____ Apelido: _____

Sexo: _____ Idade: _____

Nome da propriedade: _____

Localização / Linha de leite: _____

Mora na propriedade? () sim () não Fonte de renda: única () principal () secundária ()

Escolaridade: _____

Tem filhos? () não () sim. Estudam / Trabalham? Envolvidos na atividade de leite?

Caracterização da propriedade

Principal atividade () Pecuária. Tipo: _____ () Agricultura. Tipo: _____

() Ambos. Tipo: _____ () Outros. Tipo: _____

Área total da fazenda: _____ Utilização desta área para o gado de leite:

() total () parcial – Gado de leite: _____ Outros: _____

Tipo(s) de pastagem(ns) existente(s) na fazenda: _____ Faz uso de silagem?

Quanto ao rebanho bovino: Total de cabeças, composição, grau de sangue...

Elaboração do roteiro: *Iram da Silva Ferrão e Isabel Cristine S. de Oliveira*